

JOSÉ DIAS SOB A IDEOLOGIA DA LÓGICA DO FAVOR

Ezequias da Silva Santos¹

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Resumo: O objetivo desse artigo é estudar a figura do pobre, sob a ideologia da lógica do favor, numa sociedade oitocentista. Observando os recursos estilísticos afeitos de Machado de Assis no romance *Dom Casmurro*, colocamos em xeque as eventuais falas de José Dias e analisamos a subjetividade e a crítica social, através de José Dias, inseridas pelo autor nesse romance.

Palavras-chave: Sociedade; Machado de Assis; Ideologia; Favor; *Dom Casmurro*.

Abstract: The goal of this article is to study the figure of the poor, under the favor logic ideology, in the 1800`s society. When we look at the resources of writing and the stylistics features, Machado de Assis peculiarities, in *Dom Casmurro`s* Novel, some of José Dias thoughts and actions are put in check, and we can analyze the subjectivity and the social criticism, through this persona, introduced by the author in this novel.

Keywords: Society; Machado de Assis; Ideology; Favor; *Dom Casmurro*.

1. Trabalho produzido para o projeto de pesquisa (PIBIC) com o título “A Ordem patriarcal em romances brasileiros: Desvalidos e poderosos sob o império do favor”, sob a orientação do Profº Dr. Marcos Hidemi de Lima, na Universidade Tecnológica Federal do Paraná - campus Pato Branco.

Introdução

Mestre na prosa realista², Machado de Assis destacou-se como escritor universal ao escrever três obras que dialogam entre si, são elas: *Quincas Borba* (1892), *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881) e *Dom Casmurro* (1900). Com personagens mergulhados nas angústias da alma, estes três romances de Machado tratam a psicologia de personagem de forma nunca antes vista, embora José de Alencar já tivesse mostrado esses dons de análise em *Lucíola* (1862) e *Senhora* (1875).

Ao nos determos no romance *Dom Casmurro*, podemos observar as aflições que oprimem o narrador Bento Santiago, transformando-o, mais tarde, no apelido que se deu justamente por seu espírito taciturno, sorumbático, alcunha esta que também serve para intitular a obra. Entretanto, a personagem de Bento Santiago não será a figura principal nesse artigo. Dentre os vários personagens de Machado de Assis, o romance *Dom Casmurro* tem, em seu enredo, o agregado³ mais famoso da literatura brasileira: José Dias, ao qual dedicamos, sob a perspectiva da lógica do favor, nossa análise nesse trabalho.

2. É mister anotar que Machado não pode ser visto como romântico nem realista pragmático. Assim como José de Alencar (em alguns casos) e alguns outros grandes nomes da literatura brasileira, Machado “foge” dos chavões das escolas literárias, pois seu excelso estilo transcende os rótulos destas correntes, marcando-o, como afirma Alfredo Bosi, como o ponto mais alto e equilibrado da prosa realista brasileira. (BOSI, 2013, p.184)

3. Notemos que o romance *A Mão e a Luva* (1874) traz uma personagem que poderíamos arriscar dizer ser uma primeira versão de José Dias. Sendo uma personagem marcada com traços da era romântica, Mrs. Oswald não tem tanta voz, é apenas a conselheira do lar, que às vezes se arrisca para tirar algum proveito. José Dias, por sua vez, tem seu próprio drama e pode ser analisado paralelamente ao drama de Bento Santiago. Ao contrário de Mrs. Oswald, a personagem José Dias é complexa, tridimensional, podemos assim dizer, e poderia ser muito mais explorada se o narrador não fosse, genial e deliberadamente, em primeira pessoa.

Observando a sociedade em *Dom Casmurro*, fixa-se, em algum momento, a imagem do pobre sem voz nem vez que, duma maneira ou de outra, descobre como “pertencer” a essa sociedade. A figura de José Dias representa, assim, uma forma (fórmula) de como viver num meio submetido a condições peculiares de uma sociedade senhorial, patriarcal e escravagista.

Num país como o Brasil, em que a distinção entre pobres e ricos sempre foi medida pelo maior ou o menor envolvimento com o mundo do trabalho – e nunca é repetitivo dizer que aqui trabalhar sempre esteve relacionado com a escravidão –, uma minoria de gente livre e sem meios de subsistência optou pela submissão cega aos que detinham a riqueza, valendo-se de uma troca interessada de favores com esses ocupantes do poder, com o objetivo único de fugir ao estigma de servidão que cercava aqueles que tentavam ganhar o próprio sustento com esforços próprios. Roberto Schwarz intitula lógica do favor a esse artifício que desvaloriza o labor e dá méritos ao ócio.

Observa o crítico que tal prática funcionou como uma resposta a essa “necessidade” de permanência social dentro de uma sociedade onde as pessoas se encaixavam numa das três classes existentes: “o latifundiário, o escravo e ‘homem livre’” (SCHWARZ, 2012, p.16). A sociedade de classes era claramente apoiada numa espécie de triângulo cujo topo era ocupado pela classe proprietária, composta por poucos, dona de escravos e dos meios de produção. A base que sustentava toda a economia do país, constituída pelo braço servil, era a mais numerosa. Os que compunham o meio da pirâmide, é óbvio, para fugirem à miséria, a uma existência periférica etc., identificavam-se apenas com os de cima, empregando a bajulação, afinal, eram sujeitos livres, e o trabalho considerado um mister aviltante.

No grupo desses “homens livres” é que devemos localizar a figura de José Dias. Como se percebe no romance, ele ocupa justamente a classe daquelas pessoas que eram livres e dependentes, uma vez que ele não

pertence à ordem senhorial, tampouco é um escravo, “Nem proprietários nem proletários, seu acesso à vida social e a seus bens depende materialmente do *favor*, indireto ou direto, de um grande. O agregado é a sua caricatura” (SCHWARZ, 2012, p.16, grifo do autor). Inserido nessa camada intermediária, José Dias emprega o estratagema da adulação. Ao empregar o favor, o leitor percebe que, para que essa prática tenha sucesso, requer-se que o sujeito se anule, todavia, isso não significa que tal estratégia não guarde em si certa artimanha malandra.

Artimanha malandra porque José Dias sabe que sua subserviência pode lhe proporcionar vantagens no meio familiar dos Santiago. Uma oportunidade que ele não deixa escapar, pois valer-se do favor fazia parte, ainda que intrinsecamente, das expectativas do grupo senhorial. Sub-repticiamente, portanto, a camada patriarcal e senhorial instaura, de certa forma, a cultura do favor na nossa sociedade, isto é, abre flancos pelos quais os “homens livres” possam postular algumas de suas necessidades, desde que, é claro, aquele que postula saiba se comportar e demonstrar uma fidelidade canina. De acordo com a constatação de Schwarz, “O favor é, portanto, o mecanismo através do qual se reproduz uma das grandes classes da sociedade, envolvendo também outra, a dos que têm” (SCHWARZ, 2012, p.16). Noutras palavras, as ações subalternas de José Dias – agregado, “homem livre” – servem para o clã se sentir valorizado econômica e socialmente.

O agregado

Principiamos essa análise observando a oportuna (para o agregado) chegada⁴ de José Dias à casa dos Santiago. Embora Santiago pai se ausente em *Dom Casmurro* e dele reste apenas algumas lembranças, o modo patriarcal da condução familiar, característico do século XIX, se mantém através de D. Glória, que administra o lar com “punhos de ferro”.

A ausência do Santiago pai abre, assim, indubitavelmente, um espaço maior para as eventuais falas do agregado. Podemos supor, baseado nessa sociedade patriarcal, que seria difícil José Dias ter tamanha liberdade em relação aos assuntos familiares, se o pai de Bento Santiago estivesse vivo para exercer essa função de homem do lar, função essa que, como dito anteriormente, D. Glória desempenha de forma contundente. A questão, nesse ponto, é atentar para o valor quase nulo do papel de José Dias caso a figura do pai estivesse em constante diálogo com a do filho e a da esposa. Uma vez que Santiago pai se faz ausente, José Dias ganha voz e vez, sendo uma importante personagem secundária, que traz novos lances dramáticos à trama da vida de Bento Santiago⁵.

O agregado é uma personagem complexa, tornando difícil traçar seu perfil. Tudo nele é incerto. Empezamos pelo modo “mascarado” com que

4. O vocábulo “chegada” traz uma conotação muito mais significativa do que o simples fato de chegar a algum lugar. Em *A Casa e a rua*, Roberto DaMatta aborda os espaços (casa e rua) fazendo a devida análise do cunho imperscrutável apresentado por estas. Evidentemente que essa análise condiz com o objetivo desse trabalho.

5. A ideia aqui exposta sobre o valor da figura de José Dias (na ausência de Pedro Santiago) tem como base as teorias de Roberto Reis em *A permanência do Círculo* (1987), mais especificamente no subtítulo “O Círculo Familiar”, do primeiro capítulo dessa obra.

este chega à casa dos Santiago, sob o disfarce de médico⁶. Essa aparição, não muito confiável, do agregado deixa-o em situação muito duvidosa quanto a seus discursos, sejam eles conselhos ou simplesmente apontamentos. O narrador, dedicando a José Dias um capítulo inteiro, descreve um pouco do comportamento do agregado:

José Dias amava os superlativos. Era um modo de dar feição monumental às idéias; não as havendo, servia a prolongar as frases. Levantou-se para ir buscar o gamão, que estava no interior da casa. Così-me muito à parede, e vi-o passar com as suas calças brancas engomadas, presilhas, rodaque e gravata de mola. Foi dos últimos que usaram presilhas no Rio de Janeiro, e talvez neste mundo. Trazia as calças curtas para que lhe ficassem bem esticadas. A gravata de cetim preto, com um arco de aço por dentro, imobilizava lhe o pescoço; era então moda. O rodaque de chita, veste caseira e leve, parecia nele uma casaca de cerimônia. Era magro, chupado, com um princípio de calva; teria os seus cinquenta e cinco anos. Levantou-se com o passo vagaroso do costume, não aquele vagar arrastado se era dos preguiçosos, mas um vagar calculado e deduzido, um silogismo completo, a premissa antes da consequência, a consequência antes da conclusão. Um dever amaríssimo! (ASSIS, 2009, p. 19)

6. É relevante comparar José Dias ao famoso falso-médico introduzido por Visconde de Taunay em *Inocência* (1872). Essa personagem (Cirino) já traz uma vaga concepção da malandragem brasileira, muito bem explorada por Manuel Antônio de Almeida em *Memórias de um Sargento de Milícias* (1852). É curioso notar que tanto Cirino quanto José Dias usam da charlatanices para “penetrarem” em um círculo social familiar, e que isto se dê, talvez, pelo fato da importante função social designada aos médicos: salvar vidas.

No meio dessas tantas adjetivações dadas pelo narrador e para concluir essa análise superficial da figura de José Dias, temos, enfim, uma certeza em relação a sua personagem; ele, decerto, quer voltar à Europa, e isso, seguindo a cronologia do romance, é tudo a que ele aspira: “Contava muita vez que uma viagem que fizera à Europa, e confessava que a não sermos nós, já teria voltado para lá; tinha amigos em Lisboa, mas a nossa família, dizia ele, abaixo de Deus, era tudo” (ASSIS, 2009 p.21).

Observa-se que, aos poucos, o narrador vai construindo a personagem de José Dias. O trecho a seguir revela, sutilmente, um pouco do caráter bajulador do agregado que se preocupa em, delgadamente, agradar a dona da casa de forma a conquistar e ser digno de receber “algum dinheiro” que a mãe de Bento punha em suas mãos. A aprovação que José Dias recebe da dona do lar, ao pôr Deus acima de tudo, tem fundamental importância no modo como o agregado se posiciona em relação aos conceitos morais e religiosos adotados por D. Glória e, futuramente, por Bento Santiago⁷. Nota-se que José Dias repete “cheio de veneração”, dando ênfase nas “suas” prioridades, conforme vemos a seguir:

— Abaixo ou acima? — perguntou-lhe tio Cosme um dia.
— Abaixo — repetiu José Dias cheio de veneração.
E minha mãe, que era religiosa, gostou de ver que ele punha Deus no devido lugar, e sorriu aprovando. José Dias agradeceu de cabeça. (ASSIS, 2009, p.22)

Essa veneração de José Dias pelos Santiago estende-se, curiosamente, até Bentinho. Todos os elogios do agregado ao menino servem para assegurar, de forma quase categórica, sua permanência na família, caso D.

7. Schwarz complementa essa ideia quando diz que “O favorecido conscientemente engrandece a si e ao seu benfeitor, que por uma vez não vê, nessa era de hegemonia das razões, motivo para desmenti-lo”. (2012, p.18)

Gloria, porventura, deixasse o comando do lar por quaisquer que fossem os motivos (o que viria a suceder no capítulo “Uma Santa”). Os primeiros passos do agregado em direção a sua permanência perpétua na casa dos Santiago são dados quando, em uma aula de latim ministrada pelo padre Cabral, José Dias argumenta:

“Não é verdade que o nosso jovem amigo caminha depressa?” Chamava-me “um prodígio”; dizia a minha mãe ter conhecido outrora meninos muito inteligentes, mas que eu excedia a todos esses, sem contar que, para minha idade, possuía já certo número de qualidades moras sólidas. Eu, posto não avaliasse todo o valor deste outro elogio. Gostava do elogio; era um elogio. (ASSIS, 2009, p.53)

A partir de então, José Dias passa a trabalhar em prol de sua permanência na família Santiago, independentemente dos fatos que pudessem futuramente acometer a história do clã.

A preocupação do agregado em relação ao seu lugar assegurado na família cresce no momento em que Capitu surge como uma possível namorada de Bento. É curioso notar o contraste das adjetivações fornecidas por Bento e por José Dias em relação aos olhos da moça. Enquanto o jovem apaixonado vê, ainda que atordado, os “olhos de ressaca”, José Dias dá a seguinte descrição, que, pela esplêndida vivacidade adotada, não podemos deixar de citar na íntegra: “Capitu, apesar daqueles olhos que o Diabo lhe deu...você já reparou nos olhos dela? São assim de cigana obliqua e dissimulada. Pois, apesar deles, poderia passar, se não fosse a vaidade e a adulação. Oh! A adulação!” (ASSIS, 2009, p. 54).

Visto, pelas citações acima, que José Dias é benquisto por D. Glória, percebemos, então, a influência da palavra do agregado no que diz respeito, a princípio, à criação de Bentinho. De modo geral, vê-se desde o início do romance a preocupação que tem o agregado em manter-se útil

à família. Ele sempre “se preocupa”, sempre tem opiniões em relação a tudo. Essa preocupação em se manter ativo explicita algo que podemos chamar de “corda bamba” em que vive o agregado. Sua situação é incerta e depende dos vários pontos sociais aos quais deve ater-se para que deixe de ser interino e passe a ser, aos poucos, parte da família. A seguinte passagem expõe, novamente, a sutileza com que o narrador delibera à personagem José Dias:

— Há algum tempo estou para lhe dizer isto, mas não me atrevia. Não me parece bonito que o nosso Bentinho ande metido nos cantos com a filha do Tartaruga, e esta é a dificuldade, porque se eles pegam de namoro, a senhora terá muito que lutar para separá-los. — Não acho. Metidos nos cantos? — É um modo de falar. Em segredinhos, sempre juntos. Bentinho quase que não sai de lá. A pequena é uma desmiolada: o pai faz que não vê; tomara ele que as cousas corresse de maneira, que... Compreendo o seu gesto; a senhora não crê em tais cálculos, parece-lhe que todos têm a alma cândida...— Mas, Sr. José Dias, tenho visto os pequenos brincando, e nunca vi nada que faça desconfiar. Basta a idade: Bentinho mal tem quinze anos. Capitu fez quatorze à semana passada; são dois crianças. (ASSIS, 2009, p. 16)

A princípio temos dois pontos de vista, a do agregado que percebe na relação de Bento e Capitu um problema para suas acomodações futuras, e a de D. Glória, que ingenuamente, visto que seu propósito era mandar o filho ao seminário, não vê mal nenhum na relação. A possível concretização de um casamento entre Bento e Capitu faz tremer perigosamente a “corda bamba” da comodidade em que vive José Dias. Atentando para esses dois pontos de vista, Luís Filipe Ribeiro, na obra *Mulheres de Papel*

(1996), apresenta as perspectivas de D. Glória e de José Dias em relação ao comportamento de Bento e Capitu, da seguinte forma:

As duas referências, que se cruzam, partem de premissas diferentes: a do agregado, que olha para Capitu do ponto de vista comportamental ou ético; a de D. Glória, que vê as personagens de uma perspectiva etária. A visão de José Dias já traz embutida uma avaliação moral, a de D. Glória a exclui. O agregado luta por suprir uma certa candidez materna e tenta advertir o desenrolar do que ele percebe como uma trama matrimonial a longo prazo. (RIBEIRO, 1996, p. 305)

Essa “inocente” preocupação apresentada por José Dias nasce da possível concretização de um casamento entre Bento e Capitu, casamento esse que o tiraria, talvez, do conforto do lar. Além de perceber em Bentinho o futuro dono da casa, José Dias atenta, também, para o jovem Santiago, seu passaporte garantido para a Europa.

Cabe aqui observar as intenções de José Dias quando percebe no Bento adolescente chances reais de atravessar o oceano. Em primeira mão, no início do livro, pela fidelidade que lhe impõe a ótica do favor, o agregado alerta D. Glória sobre os cuidados que a senhora deve ter para precaver-se de um suposto não cumprimento da promessa de enviar o filho ao seminário. Uma vez a par dos planos do Bento adolescente de não querer ser padre, José Dias vê a oportunidade que tanto almeja.

Nota-se que o agregado transita entre D. Glória e Bento cumprindo suas funções conforme lhe é devido. Ele não pensa em nenhum momento em divergir das ideias da mãe nem do filho. Constata-se, no capítulo “De mãe e de servo”, que “José Dias endireitou-se pasmado” quando Bento contou-lhe que não queria ser padre. Pouco mais a frente, o narrador

volta a descrever a reação do agregado, dizendo que “José dias ouvira-o espantado”. Os demais adjetivos veem-se no trecho abaixo:

Os olhos do agregado escancararam-se, as sobrancelhas arquearam-se, e o prazer que eu contava dar-lhe com a escolha da proteção não se mostrou em nenhum dos músculos. Toda a cara dele era pouco para a estupefação. Realmente, a matéria do discurso revelara em mim uma alma nova; eu próprio não me conhecia. Mas a palavra final é que trouxe um vigor único. José Dias ficou aturdido. (ASSIS, 2009, p. 55)

Depois desta reação estapafúrdia do agregado, Bento ainda tenta, no mesmo capítulo, convencer José Dias a desempenhar a desagradável tarefa de dissuadir D. Glória de seu propósito: tornar Bentinho um padre. O último parágrafo do capítulo, no entanto, traz uma fala do jovem que causa uma reviravolta no íntimo de José Dias. O rapaz, argumentando em sua defesa, diz: “Olhe não é por vadiação. Se ela quiser que eu estude leis vou para S. Paulo...” (ASSIS, 2009, p.56). Ao próximo capítulo, Machado dá o título “As leis são belas”, o que soa com uma pitada de ironia, pois a beleza das leis está, logicamente, no ponto de vista do agregado.

Para um leitor atento, fica fácil entender o porquê “pela cara de José Dias passou algo parecido com o reflexo de uma ideia” (ASSIS, 2009, p. 57). A menção de Bento de ir a São Paulo estudar provoca no agregado a nostalgia europeia que cresce ao longo do romance. Não obstante, a indignação, a estupefação e outros mais adjetivos dados pelo narrador no capítulo “No passeio público” dão lugar, agora, a “uma ideia que o alegrou extraordinariamente” (ASSIS, 2009, p.57). Observa-se, no início da fala de José Dias, um quase monólogo do agregado tamanha perspectiva criada por ele ao perceber no Bento adolescente a possibilidade de viajar. A princípio o agregado começa citando grandes metrópoles brasileiras,

como São Paulo, Pernambuco, mas lançando mão dos superlativos que lhe é característico, diz que Bento pode ir “ainda mais longe”. Vejamos o monólogo do agregado:

Uma vez que você não pode ser padre, e prefere as leis... as leis são belas, sem desfazer da teologia que é melhor que tudo, como a vida eclesiástica é a mais santa...por-que não há de ir estudar leis fora daqui? Melhor é ir logo para alguma universidade, e ao mesmo tempo que estuda, viaja. Podemos ir juntos, veremos as terras estrangeiras, ouviremos inglês, francês, italiano, espanhol, russo e até sueco. D. Glória provavelmente não poderá acompanhá-lo; ainda que possa e vá, não quererá guiar os negócios, papeis, matrículas, e cuidar de hospedarias, e andar com você de um lado para outro... Oh! As leis são belíssimas! (ASSIS, 2009, p. 57)

O discurso defensivo que José Dias adota para livrar-se da incumbência de desconvençer D. Glória a fazer de Bento padre, torna-se explicativo-persuasivo, pois ao mesmo tempo que ampara a decisão de Bento de não ir ao seminário, mostra as maravilhas que podem ser vividas/vistas na Europa através de uma viagem de estudo.

O pobre e o político

Além da descrição superficial apresentada pelo narrador, a personagem de José Dias carrega, sem dúvida, o peso das opiniões políticas do romance (GLEDSON, 2005, p. 88). Mesmo não sendo a política em José Dias o foco deste estudo, julgamos importante a menção desse assunto para, assim como a visão de José Dias em relação ao pobre, apresentarmos uma formação mais completa do caráter dessa personagem.

Por essa linha de raciocínio, observamos a liberdade que Machado de Assis concede ao agregado, incumbindo-o da função crítica-política, função essa propositalmente absente nas demais personagens. Perante essa constatação, cabe perguntar qual é o motivo de Machado deliberar esse poder a José Dias.

Diferente da família Santiago, José Dias é pobre de fato. Bento Santiago, assim como a mãe, em nenhum momento se preocupa com questões financeiras; tem total autonomia, depois de casado, e faz com seu dinheiro o que bem entende. Para ele não há sacrifício. Nota-se, quando ele “manda” Capitu para a Europa, o valor das despesas sequer é mencionado. O capítulo “A solução” ilustra perfeitamente que para Bento dinheiro nunca fora problema.

Aqui está o que fizemos. Pegamos em nós e fomos para a Europa, não passear, nem ver nada, novo nem velho. Paramos na Suíça. Uma professora do Rio Grande, que foi conosco, ficou de companhia a Capitu, ensinando a língua materna a Ezequiel, que aprendia o resto na escola do país. Assim regulada a vida, tornei ao Brasil. (ASSIS, 2009, p. 224)

Depois disso, Bento volta, ainda, duas vezes à Europa, corroborando, assim, a ideia da comodidade financeira que lhe é devida. Em contrapartida, José Dias depende, como visto, dos trocados (pra não dizer míseros trocados) que D. Glória, e futuramente Bento, depositam em sua mão. Sendo assim, torna-se claro o porquê de tamanho poder crítico concedido ao agregado, uma vez que D. Glória e seu filho, talvez pela confortável posição social que ambos ocupam, não se sujeitem ao debate político. A condição de vida em que se encontra José Dias torna-o um sujeito político e sonhador, daí surge, talvez, o desejo ardente de voltar à Europa.

Fundem-se, nesse ponto, os substantivos pobreza e política, formando, assim, o caráter complexo e duvidoso do agregado. Nota-se, aqui, que seria inadequado, na concepção machadiana, escrever *Dom Casmurro* sem a personagem de José Dias. No livro *Os pobres na literatura brasileira* (1983), Roberto Schwarz exprime com maestria a ideologia das personagens pobres em Machado e, embora a análise de Schwarz atente sobre *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, sua teoria estende-se a *Dom Casmurro* e atinge em cheio nosso José Dias. Vamos a ela:

A situação dos pobres define-se complementarmente, e o que é folga histórica para os ricos – os dois e as duas medidas – para eles é falta de garantia. Não tendo propriedade, e estando o principal da produção econômica a cargo dos escravos, vivem em terreno escorregadio: Se não trabalham são uns desclassificados, e se trabalham só por muito favor serão pagos ou reconhecidos. (SCHWARZ, 1983, p. 47)

Pela aparente riqueza cultural que ostenta José Dias, há certa meticulosidade apresentada por Machado nessa personagem, pois este não aceita ser rebaixado aos pobres. Nota-se, pelo constante desdenho em relação à família de Capitu, quando o agregado “esquece-se” de sua situação econômica e age conforme mandava os costumes da época. Percebemos tal procedimento preconceituoso no agregado quando aconselha Bentinho com as seguintes palavras: “[...] não é bonito que você ande com o Pádua na rua” (ASSIS, 2009, p. 54). É visível, pois, nesse preconceito que nutre o agregado em relação ao pai de Capitu, o quanto a lógica do favor influenciava no modo de ser de José Dias. Influenciado pelos valores patrícios da família que o acolheu, ele se sente superior a Pádua, porque este é um homem livre e pobre, que necessita trabalhar para poder manter os seus.

A neutralidade

Embora Machado atribua a José Dias um perfil abstruso, as concepções de inferioridade social e da lógica do favor, foco desse estudo, incrementam, sutilmente, para a formação completa e *aceitável* do agregado. Através da pobreza e visão política, amalgamadas no caráter de cunho realista dessa personagem, surge, talvez pela força que a ideologia da lógica do favor lhe impõe, o tom de neutralidade. Em duas passagens específicas de *Dom Casmurro*, o narrador atenta para o tom neutro, cuidadoso, adquirido pelo agregado quando este expõe suas opiniões. Todos os discursos são neutros. José Dias fala com escrúpulos e não restam dúvidas que assim o faz porque não pretende dar um passo em falso que venha destituí-lo (ou ameaçá-lo) de sua posição acomodada ou, ainda pior, ser mandado embora da casa dos Santiagos. A primeira situação ocorre quando José Dias discursa a respeito da ida de Bentinho ao seminário.

Bem, uma vez que não perdeu a ideia de o fazer padre, tem-se ganho o principal. Bentinho há de satisfazer os desejos de sua mãe e depois a igreja brasileira tem altos destinos. Não esqueçamos que um bispo presidiu a Constituinte, e que o padre Feijó governou o império...

— Governou como a cara dele! Atalhou tio Cosme, cedendo a antigos rancores políticos.

— Perdão, doutor, não estou defendendo ninguém, estou citando. O que eu quero é dizer que o clero ainda tem grande papel no Brasil. (ASSIS, 2009, p.17).

Como se depreende do excerto acima, apesar de ser D. Glória quem provê o sustento de José Dias, este evita qualquer intriga com os demais membros da família – no caso, tia Justina e tio Cosme – os quais se aproveitam da relação sanguínea com a dona do lar para disfarçar sua situação

de agregados. Fica evidente no seu discurso certo ar de condescendência, visto que ele não fala nem enfatiza, apenas cita (GLEDSON, 2005, p. 89).

É possível notar a ênfase que Machado dá a condição social do agregado. Este tem que sujeitar-se a tudo. Todos os seus movimentos devem aquiescer com os diferentes tipos de pessoas que vivem na casa. Prima Justina comenta sua aversão ao agregado no capítulo “Prima Justina”, em que “recapitula todo o mal que pensava de José Dias” (ASSIS, 2009, p.50). Por essas e outras razões que o agregado vive “apenas citando”, não se compromete com nada, não diz nada com prioridade. Deve lealdade a todos e submete-se a todos. O único com quem José Dias trava debate é com o padre Cabral e, como este não é da família, o agregado abusa da sua capacidade oratória para exultar sobre os conceitos do padre. De resto, porém, é neutro, um pouco tendencioso, mas nunca enfático.

O ápice dessa neutralidade está no capítulo “A dissimulação” quando, numa das visitas que Bento faz à família, todos ali se confraternizam com Capitu e comentam a respeito do futuro padre. A atitude, ou melhor, a não atitude de José Dias revela o aspecto da neutralidade em alto grau no agregado. Logo após algumas brincadeiras a respeito do seminarista, o narrador anota:

Era isto mesmo, devíamos dissimular para matar qualquer suspeita, e ao mesmo tempo gozar toda a liberdade anterior, e construir tranquilos o nosso futuro. Mas o exemplo completa-se com o que ouvi no dia seguinte, ao almoço; minha mãe, dizendo tio Cosme que ainda queria ver com que mão havia eu de abençoar o povo à missa, contou que, dias antes, estando a falar de moças que se casam cedo, Capitu lhe dissera: “Pois a mim quem me há de casar há de ser o padre Bentinho, eu espero que ele se ordene!” Tio Cosme riu da graça, José Dias não desorriu, só prima Justina é que franziu a testa, e olhou para mim interro-

gativamente. Eu, que havia olhado para todos, não pude resistir ao gesto da prima, e tratei de comer. Mas comi mal, estava tão contente com aquela grande dissimulação de Capitu que não vi mais nada, e, logo que almocei, corri a referir-lhe a conversa e a louvar-lhe a astúcia. Capitu sorriu de agradecida. (ASSIS, 2009, p. 124)

Seguindo essa linha de raciocínio, observa-se a impecabilidade com que José Dias desempenha sua neutralidade. Tio Cosme, representando a indiferença familiar e a despreocupação, ri. Não há, em nenhum momento, qualquer dúvida a respeito das segregações de Bento e Capitu. José Dias, porém, não dessorriu. Seria difícil justificar o emprego “dessorrir” do narrador sem que se perdesse algo importante na tentativa. Para que isso não aconteça, vamos à análise feita por Filipe Ribeiro que esclarece tal grifo e, consequentemente, conclui nossa ideia do neutro que tanto preza José Dias.

Mas, o nosso José Dias não **dessorriu**; ele, na verdade, **não dessorriu**. O que é bem diferente! Ele poderia dessorrir, mas não o fez. É o uso virtuosístico do eufemismo, de que lança mão mais uma vez o velho Machado. E a imagem de José Dias que nos fica é a do dissimulador perfeito. Ele é um verdadeiro Mozart da simulação, não me ocorre outra imagem de perfeição! Ele mesmo que, sem ser médico homeopata, consegue tornar-se agregado na casa do pai de Bentinho exatamente por essa habilitação, habilmente desmentida, com a simulação de grande culpa assumida. Tudo isto está a mostrar, no discurso de Machado de Assis, a que piruetas estavam obrigados os homens livres pobres, numa sociedade escravocrata, para conseguir um lugar ao sol. Todos os pobres simulam, de uma forma ou de outra,

para agradar aos que lhes estão por cima e deles conseguir alguma redistribuição de renda. Mas esta simulação é constantemente denunciada, como adulação, bajulação e subserviência. É o mesmo José Dias quem já a apontara na célebre conversa do Passeio Público, relativamente a Capitu. A simulação elogiada como astúcia é aquela que serve aos interesses dos de cima. Sejam as piruetas contorcionistas de um Brás Cubas, ou a lição de estratégia de Capitu na passagem citada. (RIBEIRO, 1996, p. 315, grifos do autor)

O sonho não concretizado

Para início de discussão neste tópico é necessário resgatar que, com cinquenta e cinco anos, o “vivido” agregado aspira por voltar à Europa. Levando em conta os recursos estilísticos e a famosa e subjetiva crítica (ironia) machadiana, podemos conjecturar o desejo de José Dias como uma diáspora invertida. Finalmente embutidas, podemos averiguar as críticas de Machado às relações de poder da época. Cuida-se, quase explicitamente, que a Europa está muito à frente das Américas (o Brasil em particular), em questões éticas e humanitárias (SCHWARZ, 2012, p.19). Pela despreocupação de Bento e D. Glória em relação à contemporaneidade social em que vivem, declaram, inconscientemente, que as condições de vida eram favoráveis aos ricos e, conseqüentemente, humilhante para os pobres.

Vejamos que, no fim do romance, Bento Santiago conta que “Entenda-se que, se nas viagens que fiz à Europa José Dias não foi comigo, não é que lhe faltasse vontade; ficava de companhia a tio Cosme, quase inválido, e a minha mãe, que envelheceu depressa” (ASSIS, 2009, p. 224).

Coerente com o título exposto anteriormente, observamos aqui que José Dias empenha-se em vida para conseguir seu tão sonhado retorno ao Velho Continente. Enquanto ainda tem saúde não realiza o sonho por consequência da vida seminarista de Bento Santiago. Por fim, quando Bento

finalmente decide por si só visitar a Europa, José Dias não o acompanha, pois fica a cuidar do tio e da mãe do “senhor”.

Por conseguinte, a figura de José Dias, embora tridimensional e com discurso próprio, poderia apresentar na tipologia do agregado as opiniões de Machado, através do discurso indireto, em relação ao pobre. No capítulo “O último superlativo” o narrador conta, nas últimas palavras deste, que chorou pela morte do agregado: “Porque hei de negar que chorei por ele?” (ASSIS, 2009, p. 226).

É relevante notar que Bento confessa chorar por José Dias, mas não se preocupa em contar se chorou ou não a morte da mãe. Podemos dizer aqui que há um caráter falso no sentimento de tristeza expresso pelo narrador. Há uma preocupação dissimulada do rico em relação ao pobre. As lágrimas de Bento ilustram a hipocrisia mascarada pela moralidade obrigatória: seria politicamente incorreto se Bento não chorasse pelo agregado.

Ficamos felizes em saber que Machado não nos deixa na mão no que se refere à ideia exposta anteriormente. Para justificá-la, trazemos à tona a personagem Manduca como respaldo à esse pensamento. Para analisar profundamente as intenções de Machado com essa personagem, seria preciso escrever outro texto, por ora contentemo-nos em observar que Manduca era filho de “um pobre homem grisalho e mal vestido” (ASSIS, 2009, p. 149). Visto isso, notamos que há uma característica confluyente nas personagens de Manduca e José Dias: ambas são acometidas pelo “mal da política”. O intrigante nesse ponto é atentar para a reação de Bento à notícia da morte de Manduca. Após ser convidado a entrar para ver o defunto, Bento sofre um embate interior que, em um primeiro momento, poderíamos chamar de terror. Porém, como diz o próprio Bento, “Não era medo” (ASSIS, 2009, p. 149), o que nos leva à explicação, no mínimo egocêntrica, dada pelo narrador no último parágrafo do capítulo:

Não culpo ao homem; para ele, a coisa mais importante do momento era o filho. Mas também não me culpem a mim; para mim, a coisa mais importante era Capitu. O mal foi que os dois casos se conjugassem na mesma tarde, e que a morte de um viesse meter o nariz na vida de outro. Eis o mal todo. Se eu passasse antes ou depois, ou se Manduca esperasse algumas horas para morrer, nenhuma nota aborrecida viria interromper as melodias da minha alma. Por que morrer exatamente há meia hora? Toda hora é apropriada ao óbito; morre-se muito bem às seis ou sete horas da tarde. (ASSIS, 2009, p.149)

Visto a não muito trágica descrição da morte de Manduca, volvemos ao ponto crucial da nossa análise. Para um bom leitor não é preciso evidenciar a despreocupação com a morte do pobre menino, exacerbada pelo egocentrismo do narrador. O emprego da dicotomia vida e morte usada por Machado desconstrói o sofrimento da perda pela morte e a indiferença aos outros pela vida. Se no episódio do falecimento de Manduca a morte tem menos relevância do que o simples retorno de um namoro, por que, então, Bento Santiago chora pela morte de José Dias, sendo que este é apenas um reflexo do outro pobre que, ao morrer, não valeu sequer a dignidade do pêsame dos conhecidos? É significativo notar que Bento não fala em “nota triste”, mas sim “Nota aborrecida que viria interromper as melodias da minha alma” (ASSIS, 2009, p. 150). Não há tristeza pela morte de Manduca, a única coisa ruim nisso tudo é o aborrecimento que a morte causa no narrador por “meter o nariz na vida dos outros” (ASSIS, 2009, p.150).

Devido às circunstâncias descritas anteriormente, podemos falar mais enfaticamente sobre a falsa modéstia do narrador em relação ao pobre. É curiosíssimo o modo como a notícia da morte de algumas personagens chega aos leitores. De forma bastante sucinta, o narrador conta, ao reen-

contrar com o filho anos mais tarde, que “Só depois é que me lembrou que cumpria ter certo alvoroço e correr, abraçá-lo, falar-lhe na mãe. A mãe, – creio que ainda não disse que estava morta e enterrada. Estava; lá repousa na velha Suíça” (ASSIS, 2009, p. 228). Nota-se que o narrador usa o aposto para falar de Capitu, de forma a acrescentar apenas uma informação de passagem. Manduca, por sua vez, sofre de lepra por um bom tempo e morre fazendo acontecer o polêmico episódio estudado anteriormente. O fim de José Dias também é iminente. Morre numa cama e suas últimas palavras são: “... [Demais, foram as ideias da mocidade, que o tempo levou...]” (Assis, 2009, p. 226). As mortes de José Dias, Capitu e Manduca formam, assim, um “trio de ferro” que adota nossa ideia da não concretização do sonho do pobre.

Seguindo essa linha de raciocínio, observamos o conteúdo desmoralizante impregnado no pobre, o fracasso da vida e a morte sem honras nem conquistas, completando, dessa forma, o modo circular da vivência dos menos favorecidos.

Respalhando essa conjectura da voz crítica de Machado em seus personagens, Roberto Schwarz atenta para a volubilidade dos narradores dos romances machadianos. Corroborando nossa tese a respeito do “pobre sem vez”, vejamos o que diz Schwarz:

Tudo nos romances de Machado de Assis é tingido pela volubilidade – abusada em graus variáveis – de seu narrador. Os críticos de hábito a encaram pelo ângulo da técnica literária ou do humorismo. Ela ganharia, entretanto, em ser vista como a estilização de uma conduta de classe dominante brasileira.

Em vez de buscar a isenção, e a confiança que a imparcialidade suscita, o narrador machadiano dá espetáculos de desprante, que vão da picuinha à semostração literário e ao crime. Paradoxalmente, resulta um retrato social que é mais revelador que o dos contemporâneos naturalistas, os quais entretanto ambicionavam a objetividade. E uma vez que o nosso assunto é a representação da pobreza, note-se também que a má fé deliberada no trato dos pobres exaspera o sentimento de injustiça no leitor, mais intimamente talvez, que as descrições maciças praticadas pelo mesmo naturalismo. (SCHWARZ, 1983, p.46)

Prestando devida atenção, verifica-se a veracidade da informação dada por Schwarz ao “dedurar” o narrador afeito a picuinhas. Dito isto, os discursos de José Dias e Manduca, descritos de forma não confiável pelo narrador, causam duvidosa comoção, ao mesmo tempo que acusam, através da voz do rico Bento Santiago, a indiferença do rico em relação ao pobre e o desmerecimento do primeiro em relação aos anseios do último.

Considerações finais

Embora a temática principal de *Dom Casmurro* seja a relação Bento-Capitu, observamos, através deste estudo, a riqueza nas personagens secundárias de Machado expostas em um Brasil em evolução⁸. É importante lembrar que “o recurso à desfaçatez literária, com finali-

8. Esta evolução é vista, em sua maior parte, quando relacionada com o humanitarismo (evolução humanitária), visto que um dos eventos que marcou o Brasil, no século XIX, foi a libertação dos escravos em 1888, aproximadamente onze anos antes da publicação de *Dom Casmurro*. Uma vez observada a subjetividade machadiana, não podemos ignorar a possibilidade de uma suposta crítica à falta do humanitarismo, resultando em marcas negativas remanescentes até hoje.

dade de revelação crítica, não era inédito na época” (SCHWARZ, 1983, p.46). Assim, o foco no instável relacionamento de Bento e Capitu não dá importância às questões de caráter moralizante e humanitário, questões essas que não se absentam do romance, pois estas são muito bem representada por José Dias.

Como visto neste artigo, nos acontecimentos relacionados aos pobres há grande compactação subjetiva inerente no ser machadiano: nada é de graça, tudo é subjetivo. A historicidade patente em *Dom Casmurro* firma-se como cenário base para as abstrusas falas do nosso intricado José Dias.

Visto isso, tomamos direção para uma “conclusão de caso” que se afeiçoa ao agregado devido ao flagelo que lhe é imposto pela pobreza. A lógica do favor, nesse ponto, mostra-se como a mais possível forma de “vida boa” para o pobre. Embora o desalento da não concretização do sonho de voltar à Europa seja exprimido na hora da morte, José Dias morre tranquilo, sereno, evidenciando a tranquilidade (e a qualidade) de vida que tivera.

Essa tranquilidade moribunda de José Dias contrasta vigorosamente com as mortes prematuras de Capitu e Manduca e, cremos ser esta nossa avaliação final, relewa a sobrevivência de José Dias nessa sociedade oitocentista. Levando-se em conta que Manduca é filho de pobre, e que Capitu, por vir de família pobre, tem um fim amnésico, morrendo esquecida na Suíça, a morte de ambos realça a longa vida de José Dias por estar ele sob os cuidados de um homem rico. Evidenciam-se, assim, as “corretas” decisões tomadas por José Dias ao longo do romance, precavendo-se para manter-se à sombra de um protetor, ou seja, valendo-se da ideologia do favor, independentemente de o papel de agregado ser a representação da subserviência e da anulação do homem livre.

Referências

- ASSIS, Machado. *Dom Casmurro*. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2009.
- _____. *A mão e a luva*. 2. ed. São Paulo: Ciranda Cultural, 2008.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 49. ed. São Paulo: Cultrix, 2013.
- DAMATTA, Roberto. *A casa e a rua: Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil* 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1991.
- GLEDSON, John. *Machado de Assis, impostura e realismo: uma reinterpretação de Dom Casmurro*. Tradução de Fernando Py. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- REIS, Roberto. *A permanência do círculo: hierarquia no romance brasileiro*. Niterói: EDUFF; Brasília: INL, 1987.
- RIBEIRO, Luís Filipe. *Mulheres de papel: um estudo do imaginário em José de Alencar e Machado de Assis*. Niterói: EDUFF, 1996.
- SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. 6. ed. São Paulo: Editora 34, 2012.
- _____. *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

Recebido em: 29/07/15

Aceito em: 30/09/15